



Gaiato

PORTE PAGO

Quinzenário • 1 de Junho de 1991 • Ano XLVIII — Nº 1232 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

FESTAS

JUNHO

Dia 15

Sábado — à noite
Teatro Aveirense

Dia 16

Domingo — à noite

COLISEU DO PORTO

Notícia de última hora: Assegurámos presença em Aveiro e Porto. Teatro Aveirense, dia 15, sábado; Coliseu do Porto, domingo, dia 16 de Junho em curso. Duas noitadas!

O recado, em cima da hora, passará veloz de amigo a amigo, pois há cerca de quatro anos que Aveiro e Porto não têm Festa — dos gaiatos. O nosso Padre Acílio completa a boa nova, contente pela actuação dos seus rapazes!:

Entre as muitas razões que nos levou a fazer Festa está a obrigação de demonstrar com factos indesmentíveis — porque postos nos olhos e no coração dos espectadores — esta afirmação do Padre Américo que

Continue na página 4



A alegria dos rapazes, motivada pelo embelezamento da entrada na Casa do Gaiato de Setúbal.

Autoconstrução

É preciso que a luz não se apague para que os que acreditam recebam força para fazerem mais, e os que ainda não começaram a andar saibam que não devem perder mais tempo.

O princípio de Pai Américo — «Cada freguesia cuide dos seus Pobres» — tem dinamismo capaz de mudar a face duma comunidade.

Diante de mim, o testemunho duma Conferência vicentina preocupada com o acabamento da casa duma família pobre. Mãe que vive com seu filho, sem marido, empregada doméstica, lança-se na aventura de construir a sua habitação. O dinheiro que possuía foi-se com os gastos do filho a estudar no 9º ano, para pagar o terreno, mais a sisa, mais a comparticipação nos custos do loteamento.

Não desanima porque outro capital vai aparecer. A paróquia é agitada pela brisa suave que bate a todas as portas embora nem todas se abram. A acção movida pela

Caridade, em nome da justiça, leva consigo o sinal de tradição. Há os que acolhem, há os que se fecham com medo de perder! Mais: as paróquias vizinhas foram sacudidas também. E a maravilha aconteceu. Com este dinheiro fez a cave da casa onde vive.

Os Pobres vão andando conforme podem. Contentam-se com o pouco e agradecem sempre. São os Pobres de verdade.

Mas as condições em que vive, se resolveram o problema de imediato, o que foi grande bem, são más, principalmente por causa da humidade.

Mais um passo em frente: A Câmara ajuda; pessoas amigas oferecem o tijolo.

É a hora do fundo do Património dos Pobres, que a telha é precisa para cobrir a casa e as divisões têm que ser feitas. Já seguiu a ajuda necessária. No Verão que se aproxima o lar ficará completo.

Feliz comunidade que sabe levantar pontos de referência evangélicos no seu caminho! A Fé vive-se na Caridade. A garantia da fidelidade ao Evangelho duma comunidade cristã vê-se nas obras de Caridade. Elas são o sinal visível da presença do Senhor no meio do Seu povo.

Ao acabar esta nota dou conta de mais uma carta aflita. O problema da habitação, no meio rural, é muito grave em algumas zonas.

Padre Manuel António

Uma família pobre levanta a sua casa com a ajuda da Conferência vicentina da paróquia.

Ceguei aqui abaixo — Casa do Gaiato de Setúbal — há já algum tempo. O meu pensamento e afeição, de vez em quando, ainda sobe às faldas da serra.

Já tenho dado comigo, sentado, no granito duro e agreste que me viu crescer, pensando que estou para partir e, afinal, já cheguei à planície.

Foi uma chegada sóbria. Malas leves, pouca coisa, como convinha. O campo estava agora, ali, à minha frente. Tinham-me avisado da dificuldade em encontrar o tesouro; mundos e fundos, sobre a qualidade da pedra onde se escondia; que era dura. Só marreta e malho, à moda antiga, a poderiam trabalhar. Que os espinhos sufocariam quem se atrevesse a saltar qualquer sebe. Que, afinal, tudo isto era uma despromoção; enfim: que tempo e vida mal empregue.

Reconheço que houve uma certa ousadia. Não por ter desido, serra abaixo, sem aviso, que o tesouro bem o vale...

Partilha

mas porque o terreno onde se esconde é santo. Fala alto do Sinai e a experiência é a do Tabor.

Aqui, sim, ousadia.

O Cristo do Tabor; o Cordeiro Santo, imolado nos altares das catedrais, é o mesmo sacrificado e vivo no garoto da rua, na sua história ensanguentada pela recusa de pão e de carinho. Ele é o juiz do final dos tempos: «Estava nú ... sem casa e sem amor e tuas mãos me acarinharam...».

Aqui, sim, ousadia. Ousadia evangélica, vivida por Pai Américo e que encontro, bem viva, nos Padres da Rua e nas Senhoras que dão o seu coração de mãe aos Gaiatos.

Tenho sentido esta ousadia. Ela contrária, de algum modo uma certa maneira de pensar

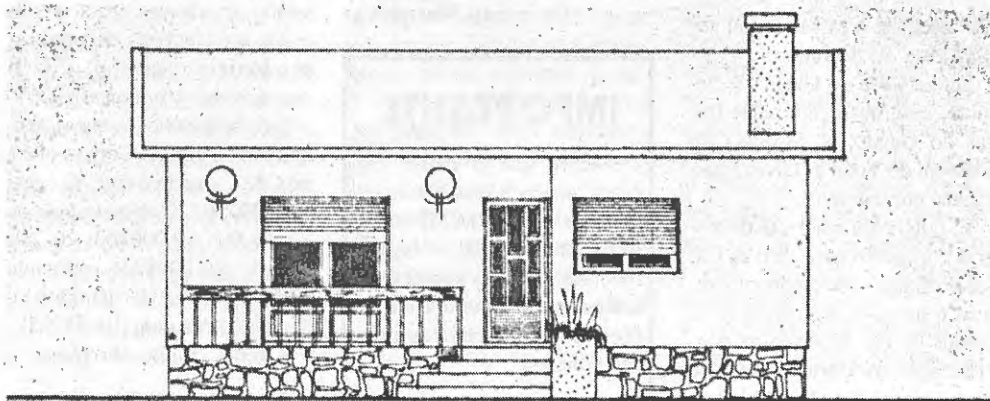
no Pobre, o qual, por vezes, é considerado como mero objecto de benevolência de pessoas ou instituições e não como caminho de conversão aos valores mais altos. Não raras vezes, como mote de um discurso alcatifado, onde as mãos não tocam feridas, nem o coração se aflige com dores.

Fiquei impressionado com aquele senhor, nosso amigo, que vem ao entardecer provar o nosso caldo e, no fim, exclama: «Venho aqui respirar ar puro!» Donde lhe pode nascer esta sublime intuição? É revelação do Evangelho no caminho dos Pobres.

Compreendo, porém, que esta lógica se torna ilógica para muitos. Porque uma coisa é entender o Pobre como pedra a partir e outra é o deixar-se partir por ela. Uma coisa é o sufocar dos espinhos; outra, é o deixar-se esfarrapar por eles, livremente.

Compreendo que pensar assim é arriscado e ousado. Mas há mistério: aquele mesmo que Jesus pregou, naquela tarde, debruçado sobre o lago da Galileia: «...um homem vendeu tudo quando possuía para comprar aquele campo...», onde se escondia a sua pérola. E alguns perceberam.

Padre João



PELAS CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

• Ajudamos viúvas pobres, já que muitos órfãos — ontem, hoje — são relegados, neste transe, para a miséria porque se não concedem justos benefícios sociais à Mãe-viúva para criar os rebentos que ficam em seus braços débeis. É um problema social que tem custado a entrar na mente dos homens públicos, por desconhecimento (?) destas situações (são tantas!) ou por critérios economicistas.

Agora saiu o decreto nº 141/91 de 10 de Abril que, em linguagem técnica, permite acumulação de pensões — até certo limite.

«Acaba-se a partir de 1 de Julho/91 com as de 120\$00 e 130\$00» — afirma um governante. «Convenhamos que estes beneficiários não tinham apenas esta pensão. Nesses casos, quando o beneficiário tinha duas, a Segurança Social portu-

guesa atribuía apenas uma pensão regulamentar»; porém, «o orçamento de 1991 veio possibilitar que estas pensões passassem para 13 contos. Não é muito, mas foi um passo positivo».

No caso de viúvas pobres, até seria razoável evitar limites, pois a Segurança Social já não é deficitária.

• Nem tudo é sombra nos domínios da Segurança Social. Temos obrigação moral de referir o bem que faz em alguns sectores:

Ainda agora caíu em nossas mãos pecadoras um ofício do Serviço de Verificação de Incapacidades Permanentes, resposta a um telefonema nosso, confirmado por carta, e motivado pela falta dum imigrante — que nos tem feito suar! — em passos relativos à sua pensão de reforma.

Na devida altura, procurámos uma assistente social. Delicada. Solícita. Tão solícita que resolveu o problema: «O beneficiário deverá comparecer a exame médico em...»

Sintonizámos! Estão ali para servir os Pobres!

• Como estamos a conjugar o verbo Servir, porque não uma palavrinha sobre a acção do Voluntariado noutros horizontes?

Precisámos duma porta aberta, algures. Lembrámos uma senhora, familiar doutra que Deus haja e à qual o povo da sua terra — quando terminou a caminhada — registou para sempre o seu nome numa memória. Se foi assim neste mundo, como a teria Deus recebido — no Céu!

No outro lado da linha ela testemunha, discretamente, a sua vida, na peugada da sua familiar: — Sou enfermeira-voluntária. Tenho os dias cheios, pois assisto a muitos doentes (nos outros miseráveis) e só regresso à noite, a casa.

Feliz!
Pai Américo conheceu-as. A mão dele é exemplo de caminho certo!

PARTILHA — Viseu: «Aí vai um cheque para O GAIATO e o restante é nosso desejo que saia metade para a Conferência do

Santíssimo Nome de Jesus. Nós pensamos sempre nos «sem casa» (...) Como já não podemos sair à rua, sentimo-nos enclausurados, aproveitando estes últimos tempos da nossa vida para reflectirmos na outra Vida, ajudando os que precisam. Roguem, pois, a Deus que nos ajude a ser fortes e resignados na última etapa desta caminhada terrena, para sermos dignos dum cantinho junto de Jesus. Pedimos, também, uma oração pelos nossos antepassados que trabalharam para, hoje, termos a consolação de poder ajudar os que precisam mais de nós».

Quatro mil, da «velhinha Amiga da Figueira». Cinco, da assinante 26471, de Algueirão, que «se referem aos meses de Janeiro a Maio e, como sempre, gostaria que fossem entregues a uma senhora idosa e doente». Cinco mil, da Rua das Hortas — Póvoa de Varzim. O costume, da «Avó de Sintra». Cheque, de Santa Cruz do Douro, com a amizade de sempre. Mais cinco, da assinante 29845, de Lisboa, «oferecidos por alma de minha querida mãe e gostaria que fossem para uma viúva com filhos. Mas, se houver um caso mais urgente, disponham».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Somos um casal de aposentados, velhos e muito doentes. Somos muito económicos e moderados.»

Estas são palavras duma carta do casal amigo, de Viseu, que mandou uma soma avultada.

Apesar de reformados, não esquecem os mais pobres. Estas e muitas outras cartas amigas que recebemos, muito nos encorajam e enchem de alegria.

Dizem também que são económicos e moderados. Era assim que muitos necessitados deveriam ser. E não são. A maior parte das vezes temos que os ajudar a ser económicos e moderados e, até, como devem cuidar dos filhos, vítimas de toda a miséria moral dos pais. Alguns começam a sofrer logo na barriga da mãe que, por vezes, os abandonam logo que nascem. Ultimamente, temos conhecimento de vários. É uma tristeza!

Pedimos desculpa por este desabafo, mas há casos tão complicados e miseráveis de crianças pequeninas, que é difícil descrevê-los em poucas linhas.

Bem hajam todos os que se lembram dos Pobres: «Com os olhos no Céu», uma avó com 12 netos — 5.000\$00. Habitual ajuda de J. R. D., 10.000\$00; de um amigo, 20.000\$00; assinante 37749, cheque de 10.000\$00. Amigo do costume, 10.000\$00..

A todos, muito obrigados.

Maria Germana e Augusto

PAÇO DE SOUSA

VISITAS — Não faltam! Tem sido uma afluência contínua. Seja sempre assim. Serão recebidos com muita carinho e simpatia.

CAMPOS — Estão prontos para serem cultivados.

Nos campos novos, com batata; os do lameirão e mata, com milho.

TRABALHADORES — Dantes, os rapazes mais velhos, que exerciam profissão fora de Casa, até ao seu noivado, partilhavam uma percentagem do salário com a nossa Obra —

como os filhos, em casa de seus pais.

No andar do tempo esta regra perdeu-se; mas, agora, foi reactivada com um esclarecimento prévio dos nossos Padres.

Assim se repôs um critério que Pai Américo adoptou — afirmam os gaiatos mais antigos — desde o Lar do Ex-pupilo, de Coimbra, na década de 40.

PISCINA — Local indispensável na época balnear. Sem qualquer margem de dúvida, foi, recentemente, alvo de uma limpeza, tarefa um bocado quente mas que o crónista e o «Paulo Mudo», a pedido do Lupricínio, cumpriram com muito esforço. Esperemos daqui a pouco dar umas banhocas.

«Cebola»

Cantinho dos Rapazes

A lição da videira!

As videiras da nossa quinta estão cheias de gomos e estes de cachos, alguns enormes, prestes a florir. Plantou-se um bacelo, uns dois anos depois enxertou-se, e eis que brota, pujante, uma videira seleccionada, apta a dar as melhores uvas e o vinho mais característico da região.

Quase todos os dias passo perto e reparo. O tronco que serve de base, resistindo àquele que lhe foi enxertado, rebrota também. Não resisto a cortar esses brotos. Eles não permitem o aproveitamento total da seiva circulante. Absorvem-na e enfraquecem a videira.

Enxertados em Cristo, como diz S. Paulo, aptos a uma vida nova, com frutos em abundância, estes não se produzem, sem que continuamente nos revejamos e eliminemos o que em nós é prejudicial. O sermos nós mesmos ou outros a fazê-lo não é indiferente. É sempre doloroso. Jesus passou com certeza, muitas vezes, junto das videiras da sua terra e também reparou. Por isso disse: «Eu sou a videira e meu Pai o agricultor. Todo o ramo que não dá fruto, Ele corta-o e limpa aquele que dá fruto para que dê mais». Sempre foi imprescindível desbrotar a videira a fim de que dê fruto. Assim em nós. O que ela não pode porém fazer por si

mesma, em nós é necessário que façamos ou permitamos que outros façam. Reparaí como Jesus foi delicado, quando disse: «Eu sou a videira». Não disse: Vós sois.

Ele está em nós e sofre connosco. É a sua vida a circular em nós que não pode perder-se.

Quando passardes junto das videiras, reparaí. Experimentai cortar um brotosinho. Com um toque leve se desprende. Olhai outro maior. Já endureceu. É preciso aplicar um pouco de força dos dedos para o arrancar. Reparaí naqueles mais fundos, que nascem junto ao chão. Já não cedem à primeira tentativa. Deita-se-lhes a mão e eles resistem. Partem. Há-os que, só cavando a terra e atingindo exactamente o lugar da nascença, se podem, enfim, retirar com violência. E passando uma semana depois, volta o mesmo a dar-se.

No nosso dia-a-dia, dentro de portas, desde que aqui chegais, como a realidade da videira está tão plantada em nós! Se com ela persistirmos no gesto de desbrotar, com frequência, temos a certeza do bom fruto. Quanto mais em nós! Porém, se o não fizermos, nem permitirmos que no-lo façam, tornamo-nos uma videira brava. Cheia de ramos e folhas, mas nunca de frutos. Que lição a da videira!

Padre José Maria

Associações de Antigos Gaiatos

• CENTRO

ENCONTRO/CONVÍVIO/91 — Será no domingo, 30 de Junho, conforme já anunciamos.

Para além dos objectivos da sã convivência, terá também como finalidade a institucionalização do dia da Amizade ou da Fraternidade, cuja chama nos compete, a todos, manter acesa e crepitante.

O programa, ainda sujeito a confirmações e até a alterações alheias aos nossos propósitos, está assim esboçado:

09.00 h. Concentração. Recepção — Contabilidade.

10.00 h. Jogos tradicionais e populares, abertos a todos, sem excepção — associados, esposas, filhos(as) e amigos: «corda», «fito», «corridas de cantarinas» (mulheres), «galo», «pião», «corridas de sacos», «cartas», «pontaria à lata», etc., etc. A organização dos jogos é do João Fernandes.

11.30 h. O Grande Encontro-Eucaristia.

13.00 h. Almoço (confeccionado na Casa-Mãe) e bica.

15.00 h. Sessão informativa; e formativa a cargo de Abel Magalhães («Frei Simeão»), que versará relações humanas...

Se tu e todos quisermos, será mais um excelente Convívio a cimentar a nossa amizade fraternal. Que nenhum falte, por mero comodismo ou desinteresse!...

Carlos Manuel Trindade

• Comunidade O Gaiato — Setúbal

Vamos realizar o 13º Encontro Anual, no dia 7 de Julho.

O 10º aniversário é uma garantia de que estamos no bom caminho, pois reveste-se de um significado importante para todos nós.

Os nossos Encontros, já efectuados, fortaleceram os laços de amizade e fraternidade que nos une.

A presença de cada gaiato é indispensável para a concretização da festa que pretendemos fazer.

A Comunidade de fora, buscando pôr em prática, na vida, os princípios cristãos que Pai Américo nos deu, é sempre um testemunho vivo da Obra da Rua, na missão de construir Família; uma força que ajudará os mais novos a realizar o fim que Pai Américo se propôs: «Fazer de cada rapaz um Homem».

Com este sentido de responsabilidade nos reunimos todos, fazendo de tal intenção o grande motivo da nossa festa.

Lembra-te: Tu és gaiato. Pai Américo é amor.

Oportunamente daremos notícias do programa.

Américo Correia

• NORTE

PASSEIO ANUAL — Como habitualmente, a nossa Associação efectuará o passeio anual nos dias 29 e 30 de Junho.

Será à Casa do Gaiato de Setúbal, com passagem pelas Casas do Gaiato de Miranda do Corvo e do Tojal e, talvez, passagem por Fátima.

É, pois, com um misto de alegria e gratidão para com as Casas do Gaiato que empreenderemos o passeio, relembrando os passos de Pai Américo na concretização da Obra da Rua, de que fomos tão beneficiados.

Será um mundo de recordações que vamos sentir e reviver. E para aqueles que nunca participaram, será um passeio agradável, além do fraterno convívio que teremos com a malta mais jovem.

Um passeio para recordar. O transporte será em camioneta com o seguinte horário e itinerário:

Partida, dia 29 de Junho (sábado), às 7 horas, do Lar do Porto, na Rua D. João IV, 682 — Porto, com almoço em Miranda de Corvo, seguindo-se para Setúbal onde jantamos, com dormida na Arrábida. Dia 30 (domingo), visita ao Tojal com respectivo almoço e possível passagem por Fátima, no regresso.

As inscrições são consideradas por ordem de entrada, podendo também ser consideradas as inscrições de filhos e esposas dos antigos gaiatos.

Pedimos aos interessados que não demorem o envio das suas inscrições, porquanto a lotação da camioneta é de apenas 50 lugares.

Deverás dirigir a tua inscrição para o Lar do Porto e, para qualquer informação, contacta o Fernando Marques pelo telefone (02) 819951, do Porto.

Fernando Marques

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

SETÚBAL

O grito dos Pobres

O grito dos Pobres está aí vivo e fresco no coração de um padre, superior provincial de uma congregação religiosa. A minha obrigação é pô-lo no candelabro para que alumie a todos os que estão na casa dos leitores de O GAIATO.

«Li a sua nota no último O GAIATO. Não deixe de continuar a esmolar de porta em porta. Da minha parte, farei o possível para que descubramos a alegria de nos empobrecermos para que haja mais Vida à nossa volta. Como pode imaginar, essa é uma missão muito difícil, mas o Espírito do Senhor rompe com as nossas cegueiras.

Acabo de escrever para o nosso jornalzinho uma breve nota, que lhe envio. Às vezes penso que não é nada fácil ser-se cristão no meio de tanta cristandade (e então nestes dias!):

«O Reino de Deus é como uma semente» (Mt.13,31)

Aquela pequena comunidade vive ali às portas de Lisboa. Deixando a auto-estrada do Norte, sobre a direita, fica o bairro do Prior Velho. Foi aqui que as Irmãs de Carlos de Foucauld construíram a sua barraca... igual a tantas outras espalhadas a esmo, sem qualquer ordenamento paisagístico, pela encosta que leva ao Aeroporto Internacional de Lisboa. Água e electricidade são bens aqui desconhecidos. Esgotos nem falar.

As Irmãs Mónica, Isabel e Céu descobriram aqui o seu lugar, ao lado dos Pobres. São quase todos cabo-verdianos. Gente de cor, desenraizada das ilhas atlânticas. Com a independência não veio a desejada prosperidade. Restava um caminho: emigrar, quase sempre sem a família. Nem sempre a sorte lhes sorriu.

Alguns encontram-se por aí a trabalhar clandestinamente, sem papéis, na iminência de a qualquer momento serem remetidos para a pátria de onde saíram. Na sua grande maioria são analfabetos e não têm qualquer formação profissional.

Aqui no Bairro do Prior Velho é este o ritmo diário: Ali perto passa a rede de transportes públicos. Cada manhã lá vão os homens — aos milhares — para as obras que, como cogumelos, nascem todos os dias na capital. Eles constroem as casas que

Tribuna de Coimbra

Hoje passei um dia triste. Mais dois na cadeia. Ontem, ao chegarmos ao nosso Lar de Coimbra, encontramos um vidro da janela partido e, dentro, portas arrombadas e muita destruição. Ao fundo da escada uma picareta que serviu como instrumento. Dois quartos, a sala de costura, o escritório e a garagem eram um montão de coisas embrulhadas. As portas esburacadas.

Ficámos todos tristes. Os rapazes indignados. Olhámos espantados para todo aquele vandalismo. Quem seria capaz de tudo aquilo? Começaram as suspeitas. Três dos mais velhos desceram à Baixa. Procuraram um lugar suspeito e não os encontraram. Foram a uma casa de jogo e encontraram dois. Chamaram a polícia que os prendeu. Eles confessaram e entregaram algumas coisas do roubo. Foram estes dois adolescentes e um adulto de cinquenta e tal anos e um jovem que também faz parte do grupo.

A minha e a nossa tristeza é a sorte deles. Um de dezasseis e outro de quinze anos. Mais ainda pelo mais novo. Veio para nossa Casa com três anos. A mãe veio trazê-lo e nunca mais apareceu. Ele escreveu. É inteligente. Demos-lhe muito e muito perdão. Esteve connosco doze anos. Há meses, abandonou-nos. Sabemos que faz fretes e carrega caixotes. Ganha dinheiro e goza a vida. Muitas vezes faz de burro dos patrões.

Mais dois a acrescentar ao número já elevado destes infelizes que por vezes se querem mostrar felizes. Já temos chamado a atenção da Segurança Pública e da Judiciária. Tomam notas. São atenciosos. Prometem estar atentos e ajudar. Confirmam que são grandes desgraças, mas... mostram que não podem fazer mais nada. É pena. Perdemos confiança.

Há dias fui chamado a uma secção de Justiça. Perguntaram se queríamos processar um, que também tinha assaltado a nossa Casa, para recebermos alguma coisa dos prejuízos. Dizia o nome do rapaz. Ele anda também por maus caminhos. Custou-nos tanto a criar! Tem-nos dado tantos desgostos! Era necessário apresentar um advogado ou entregar ao Ministério Público.

Respondi logo que não queríamos nada de material. Queremos somente o bem dos rapazes. Queremos, sim, que todos se sintam comprometidos pelo bom caminhar deles. Que não sejam uns explorados. Que não sejam burros de carga de alguns patrões. Isto, sim. Isto é só o que nós queremos.

Padre Horácio

nunca poderão habitar. As mulheres cuidam da barraca e dos filhos. Preparam a refeição da noite, que é tomada à luz do candeeiro a petróleo. Se chove, a humidade infiltra-se pelas paredes de madeira e pelo telhado de chapas de zinco. No Verão, o calor, os maus cheiros, o ruído e o pó, são insuportáveis.

De um modo geral, na Igreja portuguesa não gostamos de tomar conhecimento destas realidades. E, no entanto, o Reino de Deus cresce de acordo com outras regras. É como esta pequenina semente no Bairro do Prior Velho. Desde o Natal que ali acontece algo de novo. As Irmãs de Carlos de Foucauld e um missionário do Verbo Divino estão a tentar dar respostas a uma urgência: a alfabetização. Com eles colaboram alguns leigos. 90% dos habitantes do Prior Velho não sabem ler nem escrever. Habitualmente falam entre eles o crioulo. A alfabetização será o primeiro passo para integrar socialmente este povo. Cerca de 50 adultos enchem, 3 vezes por semana, a barraca-escola. O espaço começa a ser pequeno para tanta procura. Os habitantes organizaram-se e está a nascer uma nova escola. Sem grandes ajudas em dinheiro. É muito fácil receber, de maneira paternalista, subsídios. Aqui é o povo que se auto-promove. A mão-de-obra está garantida: aos sábados e domingos, até à hora da Missa, o povo vai levantar a sua escola. Subsídios de governo? Para os senhores-do-poder o Prior Velho é uma mancha a desfeiar a capital. Um dia, muito provavelmente em breve, as retro-escavadoras da Câmara vão passar a ferro o Bairro. Problemas sociais?! Famílias ao relento?! Isso preocupa pouco...

Aqui, só a caridade pode manter-nos acordados. E levantar a obra de Deus no meio de uma sociedade desumanizada. E a caridade é invencível.»

Padre Acílio

Vistas de dentro

• Os grilos também ajudam à festa da vida na Casa do Gaiato. É o tempo deles.

Ontem, à hora da oração da tarde, vinha o irmão do «Laranja» com uma embalagem de margarina nas mãos. Como estes garotos chegam do mundo dos restos, no geral, pensei que tinha guardado as sobras do pequeno-almoço. Enganei-me. Ao aproximar-se correu ao meu encontro e retirou a tampa. Eram quatro grilos cercados de pétalas de rosas, guardados como um pequenino tesouro.

Ficamos os dois a olhar — ele para o seu tesouro, eu para o seu rosto sereno, feliz. O encontro com estas crianças dá-se num clima de paciência e acolhimento daquilo que lhes traz alegria ou tristeza. Desta vez, os grilos foram a chave para a abertura do seu coração.

• Ainda não tinha acabado esta cena e, atrás, o Rogério apareceu com as mãos agarradas à barriga, levemente inclinado. Pensei que era mais uma enxaqueca daquelas que têm sido vulgares, nos últimos dias. Mas não. O volume anormal era uma caixa vazia de medicamentos, que deixou de servir para os ditos e guardava, agora, não sei quantos grilos, escondida debaixo da camisa e amparada pelas mãos do Rogério.

Não fosse a oportunidade de poder ocupar-se com estas coisas lindas, nas horas vagas, o garoto teria um coração duro porque, enquanto andava por lá, a rua era o seu mundo.

A criança tem necessidade do campo, das plantas, das flores, de ir aos grilos na Primavera. O contacto com a Natureza ajuda-a a equilibrar-se.

• Os grilos acompanham-nos para toda a parte. Acabou a refeição e o «Filmes» descia a escada do refeitório muito concentrado. Estranhei, porque é costume sair da refeição em correria, que a bola está à espera e o recreio tem que ser bem aproveitado. Indaguei do que se passava, porque as complicações na mesa também acontecem. Não houve nada. Era, sim, um grilo bem aconchegado numa caixinha, levado com todo o cuidado para não sofrer algum traumatismo fatal.

À noite, já todos dormiam em suas casas. Ao dar a volta pelos quartos, onde o silêncio era dono, só os grilos cantavam à cabeceira das camas.

• Bem queria que estas vistas não entrassem em coisas tristes. Mas tem que ser, por amor da verdade.

Durante uma semana não houve sobremesa de fruta. Ficou guardada nas câmaras frigoríficas por via da falta de respeito pelas cerejas que algumas árvores novas, plantadas na quinta, começaram a dar pela primeira vez. Nem sequer as deixaram amadurecer. Lá se foi a alegria de comermos cerejas, das nossas, à hora da refeição.

Padre Manuel António

DOCTRINA



Qual grão de mostarda lançado no seio da terra...

• Trago em mira a aquisição de casa própria para uso das Colónias de Férias, que se há-de denominar e ser Casa dos Gaiatos Pobres de Coimbra. É tão carinhoso o vosso interesse pela sorte dos miúdos em férias; tão conversado nas reuniões de família; tão bem dadas as vossas migalhas — que eu sou por isso mesmo obrigado a fazer mais e melhor para que tudo deslize entre duas paralelas.

• A vivenda há-de ser obra feita ou mandada fazer: luz, espaço, conforto, sobriedade. O Pobre deve ser instalado sobriamente, com ordem e asseio, para aprender a ser Pobre e amar cada vez mais a sua condição. Há-de ser também localizada com inteligência: distante de povoações, perto de rios, cercada de pinheiros, montes suaves, passeios extensos, horizontes fundos. As crianças gostam dos rios, onde tocam horas deliciosas a escarafunchar coisas na areia, água pela cinta — felizes. O simples contacto com a

Natureza dá-lhes imediatamente um novo ar — mais doces, mais sinceros, mais inocentes, menos palavão. A alma desabrocha toda para Deus; é tempo das sementeiras! Há-de estar em serviço permanente com sua cama feita e sua mesa posta para receber qualquer gaiato suspeito do mal dos tempos, que as injeções de cama e mesa fazem muito melhor do que as dos dispensários, sem ofensa à Medicina nem desprimor para ninguém. Assim tem de ser a vida mai-la Casa dos Gaiatos de Coimbra. Foge dos homens de um só

livro e de um só pensamento!

• Eu até já tenho alguma coisa em vista, mas nem te quero falar na soma de contos, não vá suceder me fugas, arripiado de medo. E, contudo, o dinheiro há-de sair todo das vossas algibeiras. Os homens que constroem para a Eternidade empregam, acima de tudo, grandes remédios nos grandes males e o resto virá a seu tempo. No caso presente o grande remédio é escolher dos mais pobres entre os Pobres; dos mais enxovalhados entre os sujeitos; dos mais des-

prezíveis entre os desprezados. É levar de entre os doentes os de maior gravidade, de entre os famintos os que passam mais fome e os de mais vícios entre os viciados. Aplicar o remédio conforme o doente e na medida das feridas de cada um; cuidar de todos eles com intenção muito recta e muito silenciosa; esperar que o calhau venha de cima abrir brechas fundas no coração daqueles que avidamente procuram a Sopa nas traseiras do jornal — e mais nada.

D. António

(Do livro Pão dos Pobres - 2ª vol.)

Nova Encíclica Social

Regozijo-me com as ressonâncias que os meios de comunicação têm difundido sobre o acontecimento da sua publicação; e espero que «as iniciativas de vários géneros que precederam, acompanham e seguirão» esta celebração do centenário da «Rerum Novarum», produzam uma reflexão continuada e fecunda sobre a «Doutrina Social» da Igreja, pronta a concluir em renovado dinamismo de procura e em passos corajosos para a almejada meta da *Justiça para todos os homens* que *todo* o homem justo tem, com certeza, na sua mente e no seu coração.

É isto que o Papa deseja: uma celebração feita de vida, que se não fixe, academicamente, na efeméride (sem deixar de nos «propor uma releitura da Encíclica leonina a fim de redescobrir a riqueza dos princípios fundamentais nela formulados»), mas que «olhe ao redor para as coisas novas em que nos encontramos como que imersos» e também «olhe para o futuro, quando já se entrevê o terceiro milénio da era cristã carregado de incógnitas e de promessas que apelam para a nossa imaginação e criatividade».

O primeiro alvo a atingir pelo documento papal é, pois, o homem, sempre sujeito de conversão, constantemente necessitado de crescer na justiça pessoal para poder militar na luta pela Justiça. Sem aquela é inconsistente o ideal desta; e desfalecem as forças para o bom combate. Por isso, o «olhar ao redor e para o futuro» que nos coloca perante os desafios do nosso tempo, o que estimulará a nossa responsabilidade de progresso na justiça pessoal, que torna os homens capazes, «como discípulos do único Mestre, Cristo, de indicar o Caminho, de proclamar a Verdade, de comunicar a Vida que é Ele próprio» e de caminhar com os novos discípulos para Cristo, Modelo e Fonte d'«o homem novo criado na Justiça e santidade verdadeiras». A almejada *Justiça para todos os homens* fica a um passo desta meta.

Este apelo à conversão do homem indivíduo ao ser social que, por natureza, também é e à consequente aceitação de normas de convivência, é dirigido em primeiro lugar para dentro da própria Igreja, aos «discípulos do único Mestre». Decorre «da Tradição da Igreja que contém as coisas antigas desde sempre recebidas e transmitidas e que permite ler as coisas novas, no meio das quais transcorre a vida da Igreja e do mundo». Mas este apelo e a doutrinação que o fundamenta e tem acompanhado, começaram a ser mais formalmente expressos justamente há um século com a «Rerum Novarum».

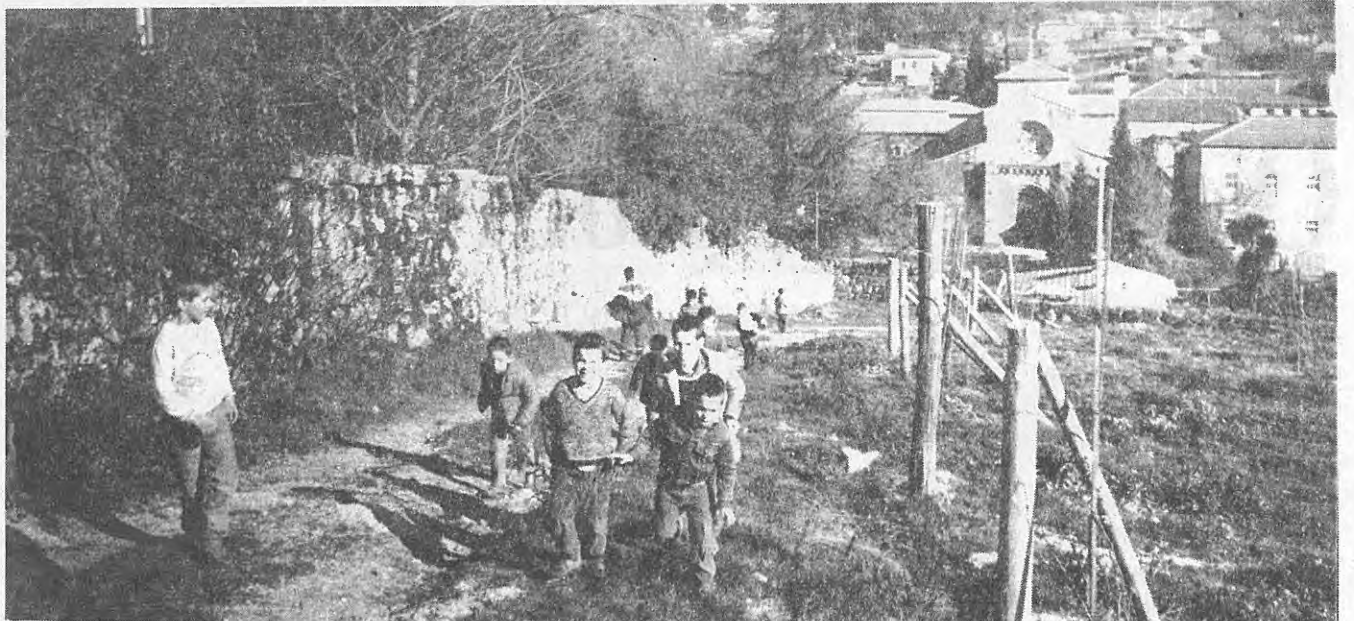
Não sei se não temos sido demasiado lentos no acolhimento desta mensagem e na assimilação da doutrina exposta. Em geral, ela tem sido pouco comunicada ao Povo de Deus. Na própria pastoral corrente não vem de há muito o reconhecimento de lugar próprio para esta vertente da Justiça Social, sem a qual a Caridade é desvirtuada. Talvez por isso, os cristãos não têm sido «sal da Terra» tanto quanto Jesus os exortou e quereria que eles fossem; e o Reino de Deus não está tão implantado quanto devia, vinte séculos depois do Mestre o ter apresentado.

Todavia, outros (e a Encíclica diz que são muitos) «procuraram inspirar-se no ensinamento social da Igreja para o seu compromisso no mundo, (...) constituindo como que um grande movimento empenhado na defesa da pessoa humana e na tutela da sua dignidade, o que tem contribuído para constituir uma sociedade mais justa, ou pelo menos, a colocar barreiras e limites à injustiça.»

O século que passou sobre a «Rerum Novarum» tem sido, na verdade, um tempo de descoberta da dignidade do homem e de tomada de consciência dos seus direitos. Mas a defesa e satisfação desses direitos é ainda demasiado ténue e falha de eficácia, não pela falta de princípios que a Tradição cristã e o Magistério da Igreja têm proclamado abundantemente, mas pela timidez com que têm sido postos em prática, senão mesmo pelo impedimento de o serem, movido pelas forças de interesses particulares adversos do Bem-Comum.

«A presente Encíclica — afirma João Paulo II — visa pôr em evidência a fecundidade destes princípios». E com certeza, também, provocar um exame de consciência em que a omissão será, porventura o maior pecado.

Padre Carlos



Curiosamente, este belo quadro revela duas épocas distantes: A multissecular igreja de Paço de Sousa, ao fundo, e a promoção moral e social do Lixo das ruas — em nossos dias — na Aldeia dos Rapazes, de Paço de Sousa.

ÁFRICA

• Alguém me disse que até as «acácias-rubras» e buganvílias vermelhas esconderam o seu vermelho-vivo sobre as camadas de poeira nascidas do chão!

Tudo é grande e belo na África imensa!

Se assim, onde a razão da demora na libertação do Homem e sua promoção e arranque para a conquista das imensas riquezas e belezas naturais?!

Nos rostos macerados dos Bispos de Angola brilham muitos sinais de esperança:

Eles sofrem a dor do seu Povo! Anseiam pela pro-

moção do Homem todo — corpo e alma.

É uma tarefa grandiosa e difícil. Os sinais de esperança tremulam sob o peso de tantas dificuldades.

Os Padres da Rua estiveram com eles. Numa conversa mais íntima com aqueles onde foram implantadas duas Casas do Gaiato — Bispo de Malanje e Bispo de Benguela.

Ficou evidente a urgência de voltarmos...

Dói o abandono de tantas crianças e a fome dum povo...

Igualmente evidente o

nosso desejo do regresso, embora sintamos sérias dificuldades por sermos tão poucos.

Sinais de esperança? Sem dúvida. A fé anda perto. Bem precisamos de ser homens de fé.

• Tem sido um alento consolador, para os Bispos de Angola, a ajuda constante dos cristãos e organizações cristãs da Europa.

Seria muito mais difícil a vida e a fome mais terrível, para as populações africanas, sem esta ajuda. E é quase, só, esta a chegar à boca dos famintos...

Porém, sabemos todos, não é este o caminho.

Uma das experiências que mais me consolam, foi a realização das lavras do povo.

Explico:

O nosso tractor lavrava, gradava e fazia as mibangas (camalhões) nos terrenos marcados pelos chefes da sanzala. Lavra pronta, dividiam os camalhões pelas famílias com justiça e em paz. Cada um tomava conta da sua parte e fazia a plantação.

Foi possível mercê duma organização cristã da Holanda que nos deu ajuda para tal.

Para além da abundância da colheita, deu uma certa dignidade às sanzalas respectivas.

Ensinar a pescar... É bem certo.

Padre Telmo

Continuação da página 1

correu mundo, que muita gente cita — mas em que poucos acreditam: — Não há rapazes maus.

A maravilha da sua presença e da sua representação está bem patente no deslumbramento desta amiga, de Palmela:

CARTAS

«O GAIATO ajuda muita gente; até a mim, cada vez que o leio, pois não há vez que não chore e me sinta pequenina ou em outros momentos tão rica na minha pobreza que nem tenho palavras para agradecer ao bom Pai tudo o que tem dado.

Tenho dois filhinhos e um marido maravilhoso; até tenho medo de tanta felicidade!

Que Nossa Senhora me proteja e nos defenda dos males do mundo.

Assinante 44253».

«Sou uma das que, ao receber o vosso jornal, com ele na mão digo: — Aqui está o melhor jornal do mundo.

Todos o deviam ler. Leio-o todo, sempre com os olhos correndo lágrimas.

Zé Ninguém».

FESTAS

«Na noite que deram a Festa em Palmela estava deveras preocupada com a saúde de um familiar. Fiz esforço para ir à vossa Festa, precisamente por causa desse problema, mas nessa noite esqueci toda essa preocupação.

Vocês foram como que um jardim das mais lindas flores, um bosque fresco e encantado que aparece num deserto longínquo e tenebroso, em que alguém se encontra tremendo de medo e solidão. Sois realmente um sonho, sois realmente um milagre.

Como é possível esse milagre de ensinarem esses «Batatinhas» e de eles se exibirem tão bem? É mais um milagre da Casa do Gaiato!... Deus seja louvado!!! Não deixeis de vir sempre com a vossa Festa.

Ela é luz, ela é um jardim, ela é tudo o que se possa chamar de Belo, neste tempo em que estamos, em que

são mostradas, aos olhares das pessoas, coisas tão tristes, horríveis e sem sentido.

Como o Senhor Padre disse: — É um calvário ensaiar essas Festas. Deve ser... Mas desse calvário surge a Vida, a Beleza, o Milagre».

CASCAIS — 1 de Junho, às 17 h, para crianças; e 21,30 h, no Teatro Gil Vicente.

SARILHOS GRANDES — 2 de Junho, às 17 h, na Sociedade.

SESIMBRA — 8 de Junho, às 21,30 h, Cine-Teatro José da Mota.

AVEIRO — 15 de Junho, sábado às 21,30 h, Teatro Aveirense.

PORTO — 16 de Junho, domingo, às 21,30 h, COLISEU DO PORTO. Bilhetes à venda: em dias úteis, Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54; todos os dias, nas bilheteiras do Coliseu.

Padre Acílio



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239